

OS PLANOS DA TURQUIA PARA A ÁFRICA

*Por Abubakar Alhassan**



Os presidentes da Turquia, Recep Tayyip Erdogan (esquerda), e do Sudão, Omar al-Bashir (direita), durante coletiva de imprensa após a reunião em Cartum, Sudão, em 24 de dezembro de 2017 (Binnur Ege Gürün/Agência Anadolu).

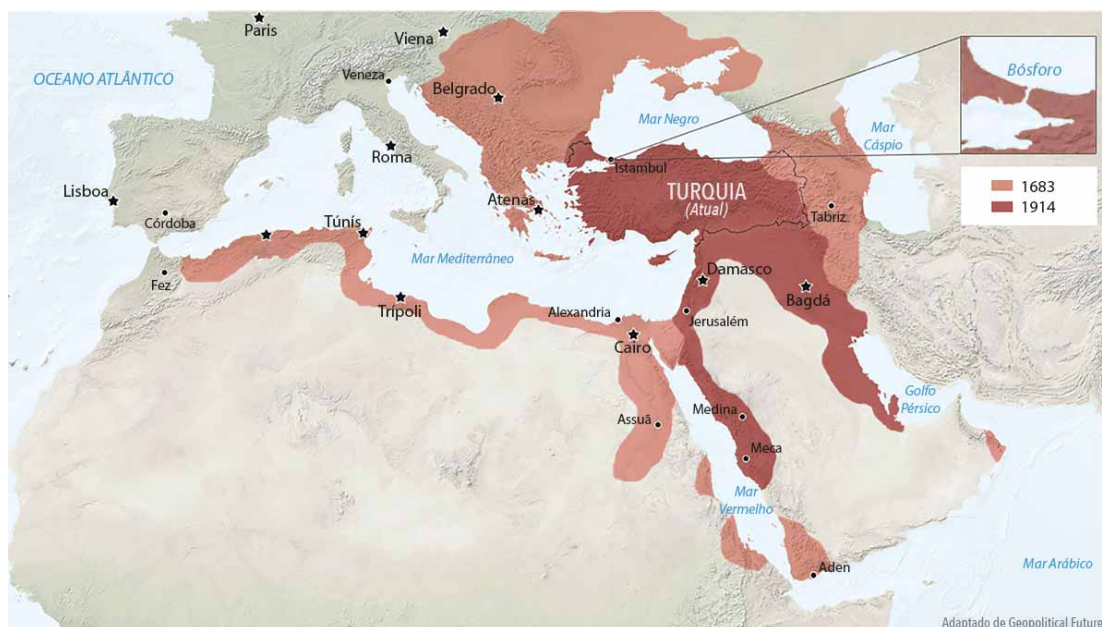
Ancara espera garantir posições seguras em territórios que já foram governados pelo antigo Império Otomano.

Durante anos, a Turquia perseguiu uma agenda ambiciosa, expandindo sua influência em países e regiões anteriormente sob controle otomano. Pode não ser capaz de absorver essas regiões como parte de seu território, como fez seu antecessor, mas está defendendo cada vez mais seus interesses econômicos, políticos e estratégicos em áreas muito além de suas próprias fronteiras, incluindo partes do Norte da África e no Chifre do África. Aqui, os objetivos da Turquia são amplos. Tem de garantir o acesso às rotas marítimas vitais através do Mar Vermelho e aos recursos energéticos do Mediterrâneo Oriental.

Com o aumento das expectativas econômicas entre os cidadãos turcos médios, Ancara também vê essas regiões como uma porta de entrada para os mercados emergentes e centros de recursos no Sahel – o que pode encorajar um maior crescimento econômico. Mas também enfrenta uma série de restrições, especialmente a competição de seus rivais no Oriente Médio, que podem limitar sua influência no mundo árabe.

IMPERATIVOS TURCOS

A história turca parece dar aos seus líderes bons motivos para almejem altas expectativas. Afinal, os otomanos chefiavam um império que, em seu auge, governava partes da Europa, Oriente Médio e Norte e Leste da África. Isso efetivamente deu aos otomanos o controle sobre muitas das rotas comerciais mais importantes do mundo e algumas das regiões mais ricas em recursos. No entanto, o império ruiu em 1918 após a Primeira Guerra Mundial, na qual apoiou o lado perdedor, e seus territórios foram divididos entre a Grã-Bretanha, a França e a Rússia. Após o Tratado de Lausanne de 1923, a Turquia parecia aceitar seu destino como uma potência muito mais modesta, mas as memórias de sua glória passada nunca se apagaram completamente.



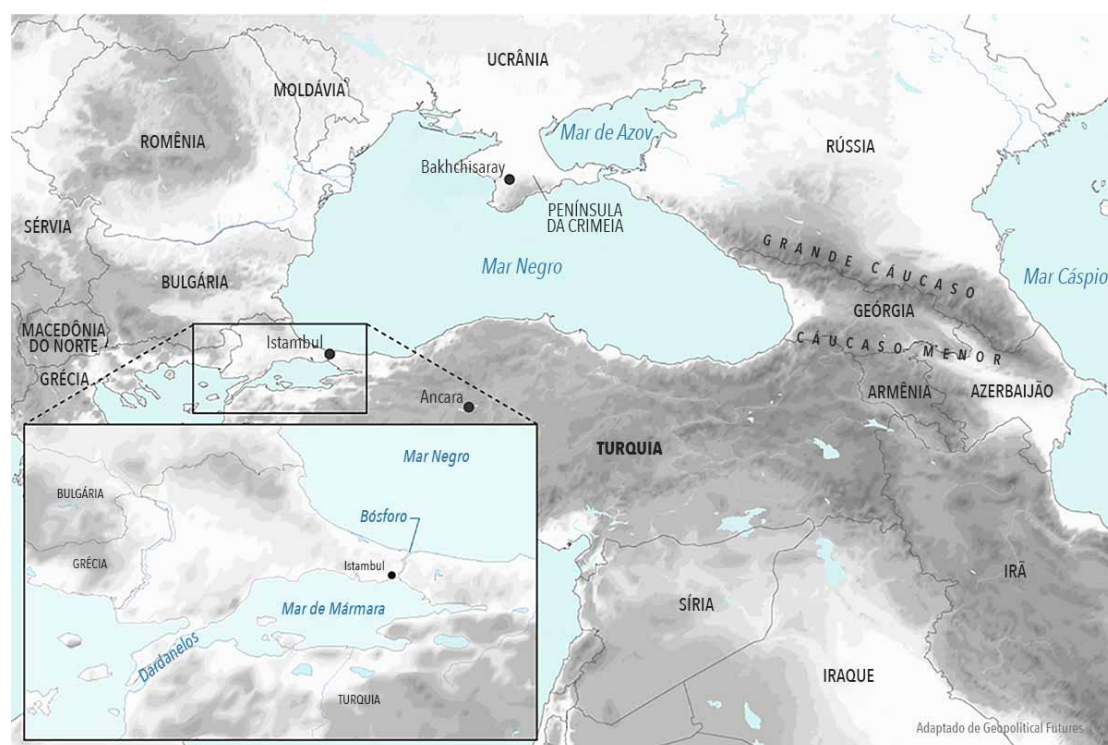
MAPA 1: o Império Otomano.

Uma das maiores fontes de força da Turquia é seu controle sobre o Mar de Mármara, o que efetivamente lhe dá controle sobre o Bósforo, uma via navegável crítica que separa as partes europeias e asiáticas da Turquia e conecta o Mar de Mármara ao Mar Negro. O acesso pelo estreito é fundamental para o transporte de petróleo, trigo e outras mercadorias da Ásia para a Europa. Obriga os países costeiros do Mar Negro, especialmente a Rússia, a evitar o confronto direto com a Turquia, ou então perder potencialmente sua capacidade de conduzir o comércio com a Europa através do Mediterrâneo.

Uma das maiores fraquezas da Turquia, no entanto, é a presença de inúmeras ilhas controladas pela Grécia que se situam no Mar Egeu, além do Mar de Mármara e de outro curso d'água crítico, os Dardanelos. Essas ilhas podem restringir o acesso da Turquia às principais rotas marítimas, tornando o país vulnerável a um possível bloqueio ou até mesmo a um ataque de outras potências marítimas.

Sua outra grande fraqueza é a falta de recursos energéticos domésticos que pudessem sustentar suas ambições de poder industrial, tornando sua economia

altamente dependente da importação de energia. É por isso que a Turquia tem se tornado cada vez mais enérgica nos últimos anos em afirmar suas reivindicações de depósitos de hidrocarbonetos no Mediterrâneo oriental.



MAPA 2: a Turquia e o Mar Negro.

A TURQUIA NO NORTE DA ÁFRICA

Os interesses em expansão da Turquia no Mediterrâneo levaram ao seu envolvimento crescente no Norte da África. Ancara depende principalmente do engajamento político para aumentar sua influência nessa região. Embora tenha uma presença naval no Mediterrâneo, a marinha turca é fraca em comparação com as marinhas de outras potências globais que patrulham o mar. Atualmente, está passando por uma ambiciosa campanha de modernização, mas qualquer progresso será lento, especialmente considerando a fraca base industrial da Turquia e o orçamento de aquisições.

Além disso, muitos de seus rivais mediterrâneos contam com o apoio de aliados mais poderosos que podem ajudar a defender suas reivindicações concorrentes no mar. A Grécia, por exemplo, tem pactos de defesa marítima com a França, a Itália e o Egito. Assim, as atuais capacidades operacionais da Turquia estão limitadas principalmente ao Mar Egeu e ao sul do Mediterrâneo.

Como não pode contar com a força bruta, a Turquia está tentando expandir sua influência copiando uma página do manual otomano. Depois que os otomanos tomaram o controle de partes do Norte da África no século XV, eles contaram, pelo menos em parte, com procuradores locais para manter o poder (também ajudou o fato de os otomanos terem uma marinha comparativamente poderosa).

Hoje, a Turquia está tentando aumentar sua influência na região apoiando regimes islâmicos aliados – alguns dos quais subiram ao poder após a Primavera Árabe, uma série de levantes pró-democracia em todo o mundo árabe. No Egito, por exemplo, a Turquia deu apoio financeiro e técnico para ajudar a levar a Irmandade Muçulmana ao poder em 2012. Na Tunísia, forneceu fundos e outros apoios para o partido islâmico Ennahda, que conquistou a maioria parlamentar em 2011. Essas medidas alarmaram os seus rivais geopolíticos, especialmente a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, que veem a tentativa da Turquia de espalhar sua marca de Islã político no Oriente Médio e no Norte da África como uma ameaça aos seus sistemas monárquicos e liderança no mundo muçulmano sunita.

A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos responderam formando uma aliança estratégica, no centro da qual estava uma política externa unida que se esforçava para alienar seus principais rivais: Catar, Turquia e Irã. A Arábia Saudita e os Emirados viram esses países como ameaças aos seus interesses – incluindo o desejo de impedir a disseminação da democracia na região, o que poderia levar à eleição de regimes islâmicos como a Irmandade Muçulmana.

No Egito, eles se aproveitaram da incapacidade da Fraternidade de consolidar o poder e da piora da situação econômica e de segurança no país, o que acabou levando a protestos pedindo a derrubada do governo liderado pela Fraternidade. As manifestações culminaram em um golpe em 2014 liderado pelo então chefe do exército egípcio Abdel-Fattah el-Sissi, que recebeu apoio financeiro da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos.

Os sauditas e os Emirados empregaram as mesmas táticas recentemente na Tunísia, onde os protestos eclodiram em julho por causa da crise econômica que proliferou sob o governo liderado pelo Ennahda. Após as manifestações, o presidente do país, que era apoiado pelos sauditas e pelos Emirados Árabes Unidos, suspendeu o parlamento e demitiu o primeiro-ministro.

Os sauditas e os Emirados temem que grupos islâmicos como esses, quando colocados em posições de poder, possam fornecer um refúgio seguro para grupos islâmicos e terroristas mais perto de casa, especialmente no Iêmen, onde Riad já está em guerra contra os rebeldes islâmicos Houthi apoiados pelo Irã, que conquistou a capital, Sanaa, em 2015.

A Turquia, por outro lado, viu as eleições do Ennahda na Tunísia e da Irmandade Muçulmana no Egito como uma oportunidade de se firmar em países estratégicos ao longo da costa mediterrânea.

A TURQUIA NO CHIFRE DA ÁFRICA E NO SAHEL

A influência turca também tem crescido no Chifre da África. O Chifre da África é adjacente a uma das rotas comerciais mais movimentadas do mundo, que liga o Oceano Índico à Europa, passando pelo Mar Vermelho e o Canal de Suez, passando pelo estreito de Bab el-Mandeb entre o Djibuti e o Iêmen. Isso significa que, se quiser controlar seu destino, a Turquia provavelmente terá que manter uma presença naval robusta aqui para garantir a passagem de seus navios comerciais

e militares do Oriente Médio e da Europa para o Norte da África, além da projeção de poder no Chifre da África.



MAPA 3: o Mar Vermelho.

Apesar de suas limitações atuais, a Turquia está tentando lançar as bases para tal força. Por exemplo, tentou reviver o porto de Suakin, uma base comercial e militar extinta ao longo da costa do Mar Vermelho do Sudão. Suakin foi um importante porto do Império Otomano quando governou o Sudão no século XV.

No entanto, depois que os militares sudaneses depuseram o líder pró-turco Omar al-Bashir após protestos generalizados contra seu governo autocrático, o novo regime sudanês suspendeu o projeto de renascimento em abril de 2019. O novo regime não queria ser visto como fantoche de Ancara. No entanto, a Turquia e o Sudão ainda têm laços calorosos, e os dois países assinaram um memorando de entendimento para impulsionar a cooperação nos setores bancário, energético e de defesa em agosto de 2021.

Ancara teve que se concentrar principalmente no *soft power* para promover seus interesses no Chifre da África, mas mesmo essa abordagem tem seus limites. A Turquia priorizou as relações comerciais e de investimento com a maior economia da região, a Etiópia, sendo Ancara o terceiro maior investidor estrangeiro no país, atrás apenas da China e da Arábia Saudita. Mas quando a Turquia tentou exercer sua influência e se ofereceu para mediar uma disputa de fronteira entre a Etiópia e o Sudão, apresentando-se como uma alternativa aos EUA no Chifre, Addis Abeba rejeitou a oferta.

A Somália representa a única história de sucesso até agora para a Turquia na região. Ancara é o ator estrangeiro dominante na Somália e tem sido capaz de repelir as tentativas da aliança saudita-Emirados Árabes Unidos anti-Turquia de desalojá-la. A extensa ajuda econômica de Ancara à Somália, quando enfrentava uma fome devastadora em 2011, rendeu-lhe boa vontade no país. Ancara usou esse capital político para apoiar grupos aliados locais, principalmente islâmicos.

A Turquia abriu uma base militar em Mogadíscio em 2017, a maior do gênero fora da Turquia, para treinar tropas somalis. Também estabeleceu uma posição firme nos aeroportos e portos marítimos da Somália, que considera essenciais para a projeção de poder no Mar Vermelho e no Oceano Índico. Graças aos seus esforços, quando os Emirados Árabes Unidos fizeram propostas financeiras para tentar convencer a Somália a cortar os laços com a Turquia e o Qatar, a liderança somali recusou.

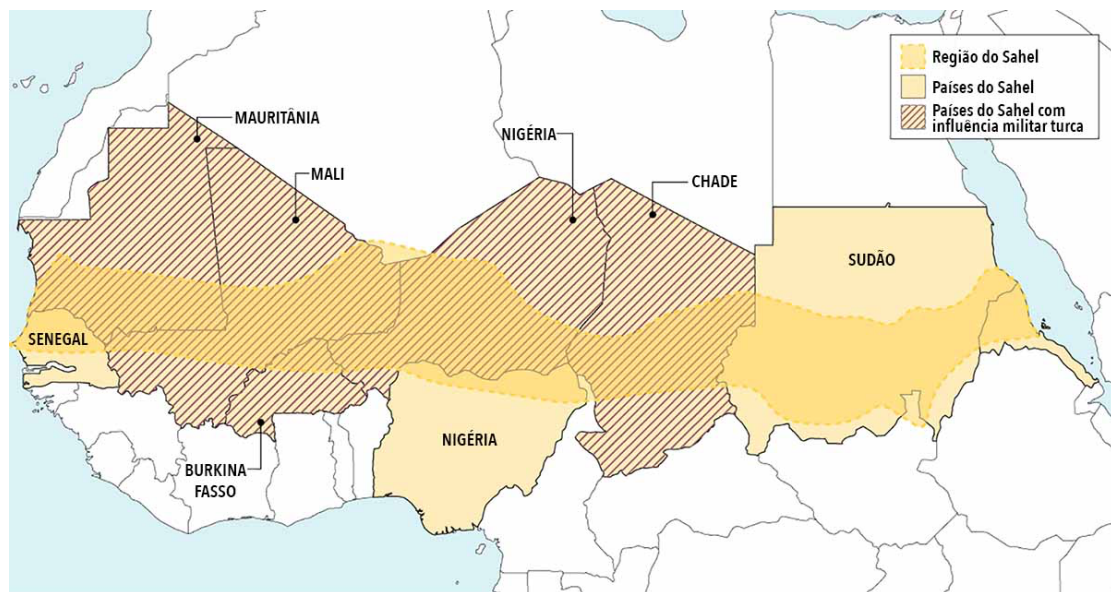
No entanto, os problemas econômicos da Turquia ainda são um grande obstáculo às suas ações no Chifre. Seu principal problema é que sua moeda, a lira, está em queda livre contínua, resultando em um rápido aumento da inflação. O aventureirismo da Turquia também a tornou alvo de sanções dos EUA e da UE.

Em outubro de 2019, Ancara lançou ofensivas militares contra as forças curdas aliadas dos EUA na Síria. Também deteve um cidadão americano que acusou de apoiar um golpe fracassado de 2016 contra Erdogan. E sua perfuração ilegal de gás em águas cipriotas levou a sanções de Bruxelas. As sanções ocidentais afetaram diretamente as indústrias de aço e alumínio da Turquia. As exportações despencaram e a lira turca caiu 10%.

As disputas econômicas prolongadas alarmaram investidores, que se preocupam com a interferência política que afeta a política monetária, bem como com o aumento da dívida externa do país. Este é um problema para a Turquia porque ela precisa de investimento externo para sua economia industrial. Erdogan tem, portanto, tentado melhorar os laços com os EUA e outros rivais geopolíticos, notadamente os Emirados Árabes Unidos, para reconquistar a confiança dos investidores. Erdogan teve uma reunião bilateral com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em junho, durante a qual ele declarou uma nova era de relações baseadas em laços positivos e construtivos com Washington. Ele também disse em agosto que Ancara quer ter um bom relacionamento com os Emirados Árabes Unidos e com a Arábia Saudita.

E é aí que o Sahel entra na estratégia turca. A Turquia vê o Sahel como uma região para expandir o comércio e adquirir os recursos naturais necessários para suas

indústrias. Embora os motivos da Turquia sejam principalmente econômicos, sua estratégia inclui um significativo componente militar e de segurança. Isso é necessário porque qualquer ator estrangeiro que pretenda se envolver com os países do Sahel deve ganhar influência e confiança, provando que é capaz de ajudá-los a enfrentar seus desafios de segurança. A Turquia pode fazer isso devido a sua crescente indústria de defesa.



MAPA 4: a influência militar turca no Sahel.

A estratégia da Turquia na Somália fornece um plano de como Ancara planeja perseguir seus interesses no Sahel. Em suma, o modelo da Somália consiste em apoiar grupos locais aliados. A Turquia espera aproveitar as vantagens do crescente sentimento anti-francês e da presença cada vez menor da França no Sahel para se apresentar como um parceiro de segurança alternativo. Ela poderia então usar seu novo capital político para fazer parceria com grupos locais e inundar os mercados com armas e outros produtos de fabricação turca.

Essas parcerias também ajudariam a Turquia a acessar e garantir os ricos recursos naturais da região para suas indústrias. Esses projetos extrativos também atraem o interesse de grupos insurgentes e criminosos, portanto, muitas vezes exigem um forte componente de segurança. É por isso que a Turquia buscou acordos de cooperação militar com países do Sahel como Níger, Mauritânia e Burkina Fasso.

A capacidade da Turquia de exercer influência na África Ocidental e no Sahel é significativamente limitada por potências estabelecidas na região, como os EUA, a França e a China. Depois, há potências emergentes na região, como a Rússia, que já enviou mercenários para apoiar regimes amigáveis e proteger os interesses do Kremlin.

Ancara espera combater isso apelando à solidariedade islâmica. A maioria dos cidadãos da região pratica o islamismo, por isso financiaria projetos que colocam a Turquia como guardião da cultura islâmica, como a construção de mesquitas e hospitais em estados do Sahel, como Mali e Níger. Isso ajudaria Ancara a construir

laços estreitos com as comunidades locais, ao contrário da diplomacia de elite de Moscou, que se concentra em laços estreitos com os líderes nacionais em exercício.

A ampla estratégia da Turquia na África está focada na recriação de uma esfera de influência neo-otomana no norte e no leste do continente. A Turquia está de olho na exploração de energia e rotas marítimas vitais para o comércio com a África Subsaariana e o Sahel, onde espera garantir matérias-primas para impulsionar sua economia em dificuldades e, eventualmente, se tornar uma potência industrial líder. No entanto, a Turquia deve superar sua economia em dificuldades, sua marinha relativamente fraca e as atividades de seus rivais geopolíticos nessas áreas.

****Abubakar Alhassan** é analista da Geopolitical Futures. Já atuou para órgãos governamentais como analista geopolítico especializado em jihadismo na África Ocidental. O Sr. Alhassan nasceu na Nigéria, é bacharel em Política Internacional e Comparada, e está cursando mestrado em Relações Internacionais com especialização em paz e resolução de conflitos.*
